

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
ENVELHECIMENTO EM PRIVAÇÃO DE
LIBERDADE

Ruth de Sousa Silva e Silva¹
Ludgleydson Fernandes de Araújo²

resumo

O envelhecimento abordado neste estudo ocorre ao longo de toda a vida e não se restringe a uma fase do desenvolvimento humano. Objetivo: Identificar as representações sociais do envelhecimento para homens e mulheres em privação de liberdade. Método: Participaram 20 homens (média de idade 40,3 com DP de 11,3) e 20 mulheres (média de idade 32,3 com DP de 8,9). Instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e Entrevista Semiestruturada. Resultados: Os dados evidenciaram que as palavras mais evocadas pelos participantes foram "Deus" e

1 Graduada do Curso de Formação de Psicólogo pela Universidade Federal do Piauí. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Pedagoga pela Universidade Estadual do Maranhão e especialista em Psicologia Clínica e Institucional pela Faculdade Santa Fé – MA. E-mail: ruthtaaso@gmail.com.

2 Doutor em Psicologia. Professor orientador do Programa de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), bolsista de Produtividade PQ-2 em pesquisa do CNPq – Nível 2 e membro do GT da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) "Relações Intergrupais: Preconceito e Exclusão Social". E-mail: ludgleydson@yahoo.com.br.

“tempo”. Os homens compreendem o envelhecimento pela ótica da religião e as mulheres atribuem valor cronológico de acordo com a análise prototípica. Quanto aos resultados do material textual, as subcategorias cronológico e perdas se destacaram relacionados ao aspecto psicossocial. Conclusões: A inquietação com os resultados do estudo reside no fato de que, para as pessoas, no sistema penitenciário, o processo de senescência acarreta danos ao desenvolvimento humano salutar, que compreende o envelhecimento ao longo da vida, pois enquanto estão no sistema penitenciário, prosseguem se desenvolvendo precariamente num ambiente que acumula insalubridades físicas e psicossociais.

palavras-chave

Envelhecimento. Representações sociais. Privação de liberdade.

1 Introdução

O envelhecimento da população mundial tem se tornado uma importante conquista da humanidade (ARAÚJO, 2022). Essa transformação ocorrida mediante o desenvolvimento científico, sanitário e cultural abriga em seu bojo não apenas vantagens, mas também a manifestação das desigualdades sociais e as complicações por elas provocadas (MIRANDA; MENDES, A.; SILVA, A. L., 2016; OLIVEIRA, A., 2016). Há contextos, na sociedade, em que a exclusão e a vulnerabilidade não permitem o aproveitamento desses avanços produzidos culturalmente. Pensando nesses âmbitos, encontra-se o sistema penitenciário, no qual estudos têm demonstrado que essa população experimenta um envelhecimento mais acelerado devido às condições inapropriadas a que é submetida essa população (FERNANDES, M., 2016; SANTOS, C.; NOGUEIRA, 2015).

Conforme a concepção de Torres *et al.* (2015), o envelhecimento não se trata de uma fase do ciclo de vida, denominada velhice, mas de todo o percurso sócio-histórico do qual a pessoa é constituída. De acordo com o paradigma *life span*, cada pessoa tem cargas genéticas e biológicas, experiências de vida e aspectos mais relevantes que influenciam a ação contínua e prolongada do envelhecimento, portanto, impossibilitando uma compreensão previsível e determinada a todos (PAPALÉO NETTO, 2017). O envelhecimento, entendido como um processo que se dá ao longo da vida, é dinâmico e multifacetado,

assim como os acontecimentos de vida que se diferem de pessoa para pessoa (NERI, 2013, 2014).

Observa-se, por essa perspectiva, que nem todos possuem as mesmas condições físicas, psicossociais e culturais, o que implica inferir o acordo entre o social e o individual no processo do envelhecimento (MIGUEL, 2014). Dito de outra forma, traços biológicos são particulares, contudo, no âmbito psicossocial é possível interferir e criar meios ao pleno desenvolvimento humano, inclusive para pessoas em privação de liberdade, amparados pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 no seu artigo 5º (BRASIL, 2016) e da Lei de Execução Penal (LEP) (BRASIL, 1984), desde que desigualdades socioeconômicas sejam superadas e vulnerabilidades desfeitas.

Em se tratando da realidade brasileira, sabe-se que as instituições penais possuem uma estrutura precária e um imenso contingente (MORAES *et al.*, 2017; MUNIZ; LEUGI; ALVES, A., 2018). Considerando a penitenciária na qual se constitui o lócus deste estudo, as instalações de um mercado municipal foram transformadas numa unidade prisional (BRASIL, 2018). Logo, aspectos estruturais e ambientais decorrentes desse fato influenciam o desenvolvimento físico e psicossocial daqueles que estão cumprindo pena, resultado que se comprova em estudos de C. Santos e Nogueira (2015) e Cataldi e Gonzalez (2018), revelando que circunstâncias advindas do aprisionamento acarretam antecipação do processo de envelhecimento.

Além disso, a falta de oportunidades para pessoas que estiveram ou estão em situação de cárcere, juntamente aos estigmas que recaem sobre elas, inviabilizam a reinserção social desse grupo. Desse modo, mesmo com a pena cumprida no sistema criminal, o indivíduo é punido ostensivamente pelo meio social, sendo excluído e submetido ao encarceramento como único destino possível (TAVARES; ADORNO; VECHI, 2020). Os autores ainda destacam que, conforme essa lógica, a falta de ações políticas desencarceradoras alimenta a manutenção da reincidência criminal, em que se busca punir ainda mais o indivíduo por reincidir.

Diante disso, o encarceramento pode se tornar fator recorrente ao longo da vida de muitos indivíduos, impactando direta ou indiretamente no envelhecimento destes. No Brasil, há 748.009 milhões de pessoas em privação de liberdade, conforme apontado no Levantamento de Informações Penitenciárias (BRASIL, 2019). Destas, 5.038 encontram-se no estado do Piauí em que a pesquisa foi realizada. Esse ponto é importante, pois Soares e Carlos (2022) destacam que pesquisas já apontam que com o aumento da expectativa de vida, haverá um crescimento carcerário nessa faixa etária.

Dessa maneira, é fulcral ressaltar que o âmbito prisional acumula insalubridades físicas e psicossociais (OLIVEIRA, Lannuzya; COSTA, G.; MEDEIROS, 2013) e que essas condições precárias impactam ainda mais a rotina e a qualidade de vida de encarcerados idosos (SOARES; CARLOS, 2022). Ademais, conforme esses autores, muitas vezes, direitos garantidos no Estatuto do Idoso não são assegurados a idosos presos, sendo importante identificar como o processo de envelhecimento é compreendido para pessoas em privação de liberdade. Com vista ao reconhecimento desse fenômeno, buscou-se na Teoria das Representações Sociais (TRS) subsídio para compreensão do objeto proposto, pois ela vem sendo usada em diferentes matrizes do saber como instrumento para explicar as construções sociais a partir da percepção e da transmissão dos pensamentos e dos modos de vida nos grupos de pertença (DIORIO; COSTA, M.; SANTANA, 2017; GARRUTE; JESUS, 2016; GOUVEIA *et al.*, 2017; SILVA, C.; CARMO; SILVA, A. M., 2015).

Moscovici descobriu no saber espontâneo, construído no cotidiano através da comunicação pessoal, uma fonte de compreensão dos problemas sociais e uma forma de responder a estes fenômenos (MOSCOVICI, 2012). Diante de tais apontamentos, o presente estudo tem por objetivo identificar as representações sociais do envelhecimento para homens e mulheres em privação de liberdade, entendendo que é possível cooperar com a divulgação de seus conhecimentos, tencionando valorização humana, reconhecimento social e melhores condições para o envelhecimento na prisão. Ademais, subsidia dados empíricos para elaboração de intervenções e discussões que contemplam lugares de manifestação do processo de exclusão social e vulnerabilidade psicossociais.

2 Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória com abordagem qualitativa. Os critérios de inclusão foram baseados no estudo prévio de Lannuzya Oliveira, Gabriela Costa e Kaio Medeiros (2013), dentre os quais: 1) pessoas em privação de liberdade a um período superior a seis meses; 2) cumprir pena em regime fechado; 3) ter capacidades cognitivas preservadas; 4) idade superior a 18 anos; 5) de ambos os sexos; 6) aceitar participar da pesquisa de forma voluntária e anônima mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No mais, para a quantidade de participantes, baseou-se no estudo prévio de Araújo, R. Silva e J. Santos (2017), sendo 20 homens e 20 mulheres, todos encarcerados no Estado do Piauí.

Os instrumentos empregados na coleta de dados foram o Questionário Sociodemográfico, com o objetivo de caracterizar a amostra, o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) com a palavra indutora “envelhecimento” e uma Entrevista Semiestruturada, abordando o significado do envelhecimento para o/a participante.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com CAAE: 12388119.6.0000.5214 e número do parecer: 3.305.207. Os critérios de investigação seguiram os parâmetros éticos relacionados à pesquisa com seres humanos conforme as resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde. Em vista disso, os participantes foram convidados individualmente, observando se atendiam aos critérios de inclusão, e receberam todas as informações sobre a pesquisa e as implicações que a colaboração desta acarreta, sendo destacados o caráter sigiloso e o anonimato. Também foi informado que a participação poderia ser finalizada a qualquer momento, caso o participante desejasse.

A fim de criar um ambiente mais propício à pesquisa, após assinatura do TCLE, os dados sociodemográficos foram coletados. Em seguida, foi aplicado o TALP, com a intenção de apreender informações que viessem à mente de forma espontânea, através da palavra estímulo (VERA-NORIEGA; PIMENTEL; ALBUQUERQUE, 2005), e na sequência, foi realizada a Entrevista Semiestruturada, que trabalhou com ideias e conteúdos pessoais que agregassem mais conhecimento ao estudo (MACIEL; MELO, 2011).

No que diz respeito aos dados obtidos através do Questionário Sociodemográfico foram realizadas estatísticas descritivas, como média e desvio padrão no *software* IBM SPSS para Windows, na versão 24.0. Os dados resultantes do TALP foram posicionados em planilhas no OpenOffice. As palavras foram organizadas de acordo com a ordem de evocação pelos participantes. Em seguida as palavras foram agrupadas por sinônimos com a participação de três juízes. A seguinte etapa os dados foram analisados pelo *software* Interface de R Pour Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ) (CAMARGO; JUSTO, 2013; RATINAUD, 2009). As informações coletadas com a Entrevista Semiestruturada foram tratadas mediante análise de conteúdo de Bardin (MACIEL; MELO, 2011). A partir da exposição do material textual, serão utilizados nomes de pássaros para a identificação dos participantes, devido à necessidade de proteção destes.

3 Resultados

No que se refere aos dados sociodemográficos dos participantes, alguns aspectos devem ser destacados. A idade média dos homens e das mulheres é de, respectivamente, 40,3 (DP=11,3) e 32 (DP=8,9). Em relação à cor, 60% dos homens se autodeclararam brancos, enquanto 65% das mulheres afirmaram ser pardas. Além disso, ambos os gêneros possuem escolaridade até o Ensino Fundamental Incompleto (60%). No que se refere ao estado civil, 50% dos homens ratificaram ser casados, enquanto a maioria das mulheres (40%) declarou-se solteira. Ademais, 60% dos homens afirmaram serem evangélicos, ao passo que 45% das mulheres disseram ser católicas.

Além disso, na análise prototípica a distribuição das palavras se deu a partir da frequência (f) e da ordem média de evocações (OME), conforme o valor de cada palavra exposta, em que os dados apreendidos entre os participantes foram repartidos em quatro quadrantes (WACHELKE; WOLTER, 2011).

A sistematização dos dados resultou na formação do núcleo central e periférico e obteve o valor de corte da (f) de 3.64 e na OME o valor de corte foi 2.96 para os homens. Estes resultados podem ser interpretados em que o núcleo central é considerado aquele conteúdo prontamente eliciado e com alta representatividade. No que diz respeito as periferias primária e secundária são aqueles conteúdos representacionais que não são majoritários neste grupo investigado (homens no sistema penitenciário) como pode ser verificado na Tabela 1.

Tabela 1 – Análise prototípica das representações sociais do envelhecimento – homens.

Frequência Média	OME ≤ 2.96			OME ≤ 2.96		
	Núcleo Central			Periferia Primária		
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
≥ 3.64	Deus	5	2.0	Vida	8	3.1
				Família	6	3.0
				Tempo	6	3.0
				Sabedoria	4	3.2
Frequência Média	Zona de Contraste			Periferia Secundária		
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
	Experiência	3	2.7	Doença	2	4.0
≤ 3.64	Aposentadoria	3	2.0	Bom	2	4.0
	Saúde	2	1.5	Normal	2	3.5
	Ser feliz	2	2.2	Cabelo branco	2	4.0
	Dor	2	1.5			

Nota: f = frequência; OME = ordem média de evocações.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa.

A principal palavra para os homens corresponde a “Deus”. Isso pode ser comprovado à prevalência da religiosidade desses respondentes, pois, conforme os dados sociodemográficos, eles declararam crença em Deus por meio das religiões evangélica e católica romana.

Tratando-se da periferia primária, os homens evocaram as palavras “vida”, “família”, “tempo” e “sabedoria”, como concepções mais próximas ao núcleo central. Os componentes da periferia secundária foram “doença”, “bom”, “normal” e “cabelo branco”, e diante da zona de contraste tem-se os elementos “experiência”, “aposentadoria”, “saúde”, “ser feliz” e “dor”, revelando aspectos positivos e negativos do envelhecimento na visão desses homens.

Na organização e na apresentação dos dados resultantes da análise prototípica do gênero feminino, as informações verbais do núcleo central e periférico atingiram o valor de corte da (*f*) 2.81 e valor da OME de 2.9, revelando a disposição em alta e baixa das evocações.

Tabela 2 – Análise prototípica das representações sociais do envelhecimento – mulheres.

Frequência Média	OME \leq 2.9			OME \leq 2.9		
	Núcleo Central			Periferia Primária		
	Evocações	<i>f</i>	OME	Evocações	<i>f</i>	OME
\geq 2.81	Tempo	9	2.8	Sabedoria	6	3.3
	Flacidez	3	2.0	Rugas	4	3.2
	Mudança	3	2.7			
	Lembrança	3	2.7			
	Filhos	3	2.3			
Frequência Média	Zona de Contraste			Periferia Secundária		
	Evocações	<i>f</i>	OME	Evocações	<i>f</i>	OME
\leq 2.81	Gorda	2	2.5	Ruim	2	5.0
	Experiência	2	2.2	Estresse	2	3.5
	Preocupação	2	2.1	Perdas	2	3.0
	Saudade	2	2.2	Família	2	3.0
	Viver	2	1.5	Cuidar	2	3.5
				Beleza	2	3.0
				Cansaço	2	4.0
				Doença	2	3.5
				Avós	2	4.5

Nota: *f* = frequência; OME = ordem média de evocações.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Como se pode observar na Tabela 2, o núcleo central foi a palavra “tempo”, com maior representatividade, pois se distinguiu com mais alta frequência e mais baixa ordem média de evocações, porém ela não se apresentou unicamente,

pois o núcleo veio constituído também de “flacidez”, “mudança”, “lembrança” e “filhos”. Logo, esses foram os vocábulos que se destacaram no campo representacional central. A zona da primeira periferia estruturou-se nas palavras “sabedoria” e “rugas”, tais estereótipos são comumente associados as pessoas em processo de envelhecimento.

A periferia secundária foi composta pelos conteúdos verbais “ruim”, “estresse”, “perdas”, “família”, “cuidar”, “beleza”, “cansaço”, “doença”, “avós”. Na zona de contraste se tem os dados verbais “gorda”, “experiência”, preocupação”, “saudades” e “viver”, podendo ser verificadas as suas baixas frequências e altas OME, estas representações sociais não são ainda compartilhadas majoritariamente pelas mulheres no sistema penitenciário acerca do envelhecimento, posto que ainda não se encontram no núcleo central.

De modo complementar à análise prototípica, optou-se pela Entrevista Semiestruturada para relacionar e dar segurança aos dados encontrados, pois a teoria do Núcleo Central e periférico carece da adição de outras técnicas para maior comprovação dos resultados obtidos (DONATO *et al.*, 2017; WACHELKE; WOLTER, 2011). A análise dos conteúdos resultou nas subcategorias “cronológico”, “perdas”, “aprendizagem”, “ausência da família”, “otimismo” e “finitude”. Essas concepções estão mais bem identificadas na seguinte tabela.

Tabela 3 – Subcategorias do envelhecimento entre homens e mulheres em privação de liberdade.

Subcategorias	Homens		Mulheres	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Cronológico	22	33	15	25
Perdas	21	31	24	39
Aprendizado	-	-	17	28
Ausência da família	10	15	5	8
Otimismo	10	15	-	-
Finitude	4	6	-	-
Total	67	100	61	100

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Para os homens, foram obtidas cinco subcategorias no material textual, destacando-se uma maior frequência para unidades que se referem ao tempo cronológico e às perdas biopsicossociais, seguidas de ausência da família, otimismo e ideia de finalização da existência como algo inevitável diante das representações sociais do envelhecimento. De maneira semelhante, foi

identificado nas mulheres paridade em três subcategorias: cronológica, perdas e ausência da família. Um realce é distinto para as mulheres: o valor do aprendizado nas representações sociais do envelhecimento.

4 Discussão

De acordo com os dados do presente estudo, o perfil da amostra pesquisada se evidencia pelas suas especificidades, ao mesmo tempo em que também se coaduna com dados disponíveis no Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) (SANTOS, T., 2017, 2018). Esses relatórios não se utilizam de média de idade, mas de faixa etária. Distribuindo as idades dos homens em períodos, constata-se que os participantes se encontram com idade superior à maioria da população em privação de liberdade no país, pois 54% têm até 29 anos e na amostra pesquisada possui entre 30 e 45 anos, o que equivale dizer 60%. Quando às mulheres, 50% das participantes têm entre 30 e 45 anos também.

Outro dado que a amostra é discordante entre os homens se comparado ao Infopen é a etnia/raça. Autodeclarações apontaram para a maioria de cor branca, 60% dos entrevistados, enquanto dados nacionais apontam para uma maior prevalência de pardos/pretos no sistema penitenciário (SANTOS, T., 2017). Já as mulheres declararam-se, em sua maioria, parda/preta com 75%, o que se coaduna com dados do Infopen Mulheres (SANTOS, T., 2018). B. Oliveira e Kubiak (2019) afirmam que mulheres negras sofrem um duplo preconceito, referente ao racismo e ao sexismo, que vai impactar essa população nos seus direitos e nas suas formas de estabelecer-se na sociedade. Desse modo, pensar no envelhecimento de pessoas em privação de liberdade faz emergir a importância de se realizar recortes raciais.

A baixa escolaridade é fato no âmbito prisional brasileiro e não é diferente a nível de lócus, porém, mais agravante ainda, pois 60% dos entrevistados possuem o Ensino Fundamental Incompleto, igualmente para homens e mulheres. O que se pode inferir é a vulnerabilidade dessa população, sem permanência na educação básica, porém, com acesso ao ensino no sistema penitenciário. Salienta-se que a baixa instrução educacional é uma realidade no sistema prisional brasileiro, ainda que não podemos afirmar que seja uma relação de causa-feito, contudo, a literatura aponta o maior nível de educação como fator protetor para diminuir os índices de criminalidade (CERQUEIRA, 2016; SILVA, J.; BAZON, 2015). Em consonância a isso, Lais Oliveira (2021) aponta que os altos índices de

marginalização do Brasil descrevem a segregação advinda das desigualdades sociais de classe.

No que tange ao estado civil na presente pesquisa, destaca-se o percentual de 80% dos homens com relação amorosa na prisão, enquanto apenas 55% das mulheres no sistema prisional possuem relação socioemocional. Um dado relevante na relação amorosa heteronormativa no cárcere é que o homem, ao se deparar com a prisão da companheira, tende abandoná-la, enquanto a mulher tem demonstrado permanecer na relação, chegando, inclusive, a perder a liberdade pelo apoio oferecido ao seu companheiro (CORDEIRO, 2017; SANTORO; PEREIRA, 2018; THOMAZ; OLIVEIRA, J.; BISPO, 2016).

Adiante, na Tabela 1, localiza-se “Deus” como elemento central das representações sociais dos homens. Estudo realizado por Constantino, Assis e Pinto (2016), sobre a saúde mental de homens e mulheres em privação de liberdade no Estado do Rio de Janeiro, revelou que as mulheres tiveram escores mais elevados que os homens diante de estresse e de sintomas depressivos. Um fator protetivo para a depressão que apareceu entre os homens foi a religião. Em consonância a isso, Esperandio *et al.* (2019) destacam que, no contexto do envelhecimento, é comum os indivíduos refletirem acerca da espiritualidade e da religiosidade, bem como sobre questões relacionadas ao sentido da vida, de forma mais intensa. Dessa maneira, a religião pode ser um mecanismo importante na vida de muitos idosos. Aliás, na literatura encontra-se o acompanhamento religioso nos presídios como forma de ressocialização das pessoas e sua reinserção na sociedade (ANDRADE, E., 2015; PIANI, 2019) e essa assistência é direito fundamental, assegurado por lei, conforme artigo 5º, inciso VII, da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 2016) e pela Lei 9.982, de 14.7.2000, que regulamenta a visita nas entidades de internação coletiva (BRASIL, 2000).

Outro dado que pode acrescentar compreensão a esse núcleo central é que de acordo com J. Alves e colaboradores (2017), o estado do Piauí onde foi o lócus da investigação é o mais católico do país. No entanto, “Deus” surgiu apenas para os homens como representação social do envelhecimento, embora na caracterização das participantes o cristianismo esteve presente com 95%.

A zona periférica primária encontrada na Tabela 1 apresenta um grupo de palavras “vida”, “família”, “tempo” e “sabedoria”. São elementos diversificados, porém importantes no sistema cognitivo das representações, pois elas se estruturam em torno do núcleo central para preservá-lo de possíveis modificações nas atitudes grupais (MORERA *et al.*, 2015). Assentando-se sobre esse entendimento, os componentes se associam à imagem de Deus, em razão de entenderem que a existência humana, o elo de parentesco, a duração da vida e o saber adquirido ao longo dos anos são graças provenientes de Deus;

compreendem e atuam como seres sociais que buscam na fé a explicação para a vida (BERGAMASCHI, 2014; PIANI, 2019).

Esses achados podem ser concatenados ao desenvolvimento ao longo da vida. O que significa dizer que o universo consensual se encontra reificado, pois demonstra conhecimento científico na compreensão do conceito indutor. De acordo com Baltes (1987), o envelhecimento faz parte da pessoa ao longo de toda a sua vida e não somente no fim, e considera ganhos, perdas e adaptações na vida, especialmente em termos psicossociais, como é o caso da sabedoria. Da mesma forma, Papalia e Feldman (2013) compreendem que a presença da família se constitui nos conteúdos representacionais para o envelhecimento. No contexto prisional, o apoio familiar é visto como importante aspecto para saúde mental (CONSTANTINO; ASSIS; PINTO, 2016), no qual o vínculo familiar é um investimento psicossocial para a ressocialização e a reinserção dessa população. O papel efetivo da família é um ponto importante a ser considerado, pois Soares e Carlos (2022) afirmam que muitas vezes os idosos presos são abandonados em várias dimensões, tanto pela família, como pelas políticas públicas.

Os conteúdos com baixo grau de partilha grupal são representações mais distantes do núcleo central (SÁ, 1996), pois revelam aspectos interindividuais de seus participantes. Os vocábulos da segunda periferia, “doença” e “cabelo branco”, demonstram evocações que podem refletir sua origem no senso comum, como características negativas do envelhecimento marcado pelo desgaste físico, sobretudo ser velho, e apontam para características senis (FECHINE; TROMPIERI, 2012).

Dentre as subcategorias encontradas dos respondentes do gênero masculino (Tabela 3), verificou-se que o envelhecimento cronológico sinaliza a crença de que Deus sustenta a vida. Afirmações a seguir demonstram esse entendimento: “É bom vivendo até o dia que Deus permitir e com a permissão de Deus eu vou viver bem mais... se estou envelhecendo estou vivendo e agradecendo a Deus” (Bem-Te-Vi). Outro colocou da seguinte maneira: “Eu considero uma bênção do Senhor porque nem todos tem essa oportunidade” (Guará). Esse significado religioso sobre o envelhecimento representa os conhecimentos desenvolvidos dentro do grupo organizado no ambiente prisional em decorrência das práticas litúrgicas vivenciadas por eles. Esse entendimento de envelhecimento, no sentido cronológico, com a ideia religiosa conjugada ao pensamento se mostra mais evidente ainda em: “Pra mim está longe da minha família por mais tempo, não vou ver meus filhos crescer e não poder educar eles e levar eles para uma religião para que eles sejam boas pessoas” (Falcão).

Este resultado está ancorado no conhecimento compartilhado nos grupos de pertença através da comunicação, no universo consensual que formam as representações sociais (MOSCOVICI, 2012), que é um local seguro para as práticas religiosas do grupo. Enquanto a pesquisadora citada esteve na unidade mista, ela observou que os evangélicos têm um trabalho regular e significativo, a saber pelos entrevistados que relataram aceitar a religião dentro do contexto prisional. É possível presenciar entre eles a realização de cultos, sem a presença de um pastor ou de fiéis evangélicos externos, e testemunhar a leitura particular da Bíblia, além de exemplares do Livro Sagrado e outros livros religiosos. Entende-se que o espaço prisional se constitui de um local social de desenvolvimento da fé, utilizado como recurso de enfrentamento do sofrimento pessoal e grupal.

Quanto à subcategoria perdas, fragmentos de textos como, “sono, necessidade, pobreza” (Gavião), “ficar fraco, doença” (Pardal), “perder muitas coisas da vida ao lado das pessoas que a gente ama” (João-de-Barro), “dores, mais burro, perdas de forças musculares” (Beija-Flor), “doenças, os mais novos vão abandonando a gente” (Arara), “rugos aparecendo na minha pele” (Pica-Pau), “cabelo branco, pele frágil” (Canário), representam o envelhecimento como agravo das funções cognitivas, biológicas e psicossociais. Segundo estudos anteriormente citados (MORAES *et al.*, 2017; MUNIZ; LEUGI; ALVES, A., 2018), as pessoas em privação de liberdade envelhecem precocemente, uma década antes da idade estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (2015), que é de 65 anos para países desenvolvidos e 60 anos para países em desenvolvimento. Portanto, esses conteúdos sugerem uma nova fase da vida compreendida como velhice, que apresenta tais descrições na literatura de acordo com Papalia e Feldman (2013). Ao serem questionados sobre sentir-se envelhecendo, apenas uma das participantes respondeu negativamente, enquanto os demais confirmaram já estar experimentando seus efeitos.

Dos vinte homens entrevistados, 50% trouxeram a família para explicar seu entendimento sobre envelhecimento, conforme constatam as seguintes expressões: “Penso se vai ter pessoas presente na minha vida, que é muito bom envelhecer junto da família” (Guará); “...está unido com a família em casa, não andar perambulando pela rua” (Arara); “É boa vida, né? Viver com seus netos, com seus filhos e ter o resto de vida com todos os familiares reunidos” (Flamingo); “Fica uma pessoa besta, mimada, por causa dos netos que a gente tem mais tempo” (Caburé). O estereótipo das pessoas em privação de liberdade é concebido como se elas não tivessem afetos (MACHADO; SOUZA, A.; SOUZA, M., 2013). Os dados coletados nesse estudo apresentam pessoas que experimentam a ausência de seus familiares e sofrem por essa razão.

Outra subcategoria que apareceu com frequência igual à ausência da família foi otimismo. Isso chama a atenção para um aspecto importante entre os homens, pois à medida que há fragmentos de textos representando envelhecimento de forma negativa, há também conteúdos demonstrando pensamentos esperançosos. Eis alguns trechos: “Sabedoria” (Rouxinol); “É bom porque tem gente que não chega a viver, ter filho, curti a vida, passear depois de velho” (Martim-Pescador); “paz, liberdade” (Curió); “A vontade de viver” (Corvo); “Um senhor muito respeitado e considerado pela família” (Rolinha); “Vida, superação de perdas e dor para não se prender ao passado” (Condor). Através dessas falas o envelhecimento é representado com bons olhos, o que suscita a ideia anteriormente discutida nesse apartado sobre o envelhecimento na concepção *life span*, como um processo contínuo ao longo da vida e com ganhos psicossociais.

Por fim, a última subcategoria que surgiu para envelhecimento de acordo com o relato dos homens foi finitude. As passagens das entrevistas a seguir mostram a ideia: “É morrer” (Bem-Te-Vi); “após o envelhecimento vem a morte” (Pombo); “Diminuindo a vida, está chegando o fim da carreira” (Caburé); “A morte, porque é inevitável” (Condor). A concepção de morte aparece em outros estudos como de J. Fernandes e M. Andrade (2016) e Torres *et al.* (2015).

Na análise prototípica das representações sociais do envelhecimento para as mulheres (Tabela 2), o núcleo central das representações obteve mais vocábulos de acordo com a análise, sendo “flacidez”, “mudança”, “lembança” e “filhos”. A respeito da palavra central, a representação do envelhecimento está relacionada à questão cronológica, sendo assim, o passar dos anos, que é experimentado e visto no corpo, refere-se à elasticidade da pele e às modificações da estrutura física como preocupação da amostra feminina. Vale ressaltar que essa é uma questão de gênero marcante, pois revela a imposição social de um padrão estético que acaba por influenciar o comportamento das mulheres, contrariando as marcas do envelhecimento temporal (CASTRO *et al.*, 2016).

Embora arguir somente contra a sociedade seja um forte argumento, o fato é que as mulheres possuem sua própria vaidade, como foi possível observar durante as entrevistas, através de tatuagens, adornos, vestes e procedimentos cosméticos. Como exemplos, elas se cuidam mutuamente, tratam do cabelo com massagens e cortes, arrumam as unhas, fazem maquiagem, entre outras atividades, esses são meios de demonstrar a preocupação com o fator tempo, melhorando e valorizando a aparência.

Outro aspecto relacionado ao tempo, que é possível inferir por meio das palavras que dão forma ao núcleo central dessas mulheres, “lembança” e “filhos”, indica o sentido de tempo como distanciamento geográfico.

Consequentemente, por estarem afastadas do convívio familiar, recordam-se de seu papel materno que está sendo privado pelo cárcere. Esse impedimento da maternidade é conteúdo de suas recordações: citam quantos filhos e netos possuem, seus nomes, o que gostavam de fazer juntos, qual ano estão estudando, se as visitam, quem está cuidando deles, e assim por diante. O tempo para elas tem a ver com a duração dos dias em que estão separadas de seus filhos.

Na primeira periferia, as palavras “sabedoria” e “rugas” apontam para significados do envelhecimento que são mais popularmente conhecidos: envelhecer resulta em conhecimento e experiência confere desgaste da estrutura física. Como a questão representacional considera a influência social, essa virtude tem sido associada ao envelhecimento (CASTRO *et al.*, 2016; MENDES, F., 2017). Para as participantes, essa zona em questão se relaciona ao núcleo de suas representações pela via biológica, que se destacou centralmente. Rugas e flacidez dizem respeito a perdas estéticas que modificam a imagem corporal já salientadas anteriormente.

Com menor grau de influência para as representações sociais, a periferia secundária da amostra feminina resultou em “ruim”, “estresse”, “perdas”, “família”, “cuidar”, “beleza”, “cansaço”, “doença” e “avós”. O agrupamento de palavras que se encontra nessa categoria é mais particular que grupal (SÁ, 1996). Obras consultadas na literatura científica internacional sobre envelhecimento em privação de liberdade obtiveram resultados similares (BAIDAWI; TROTTER; O’CONNOR, 2016; HAESSEN; WANGMO; ELGER, 2017; HANDTKE *et al.*, 2015; SANTOS, C.; NOGUEIRA, 2015).

Completando a análise prototípica, de acordo com a participação feminina, tem-se a zona de contraste, na qual os dados verbais “gorda”, “experiência”, “preocupação”, “saúde” e “viver” foram expressos com baixas frequências e altas OME. Dessa forma, os elementos desse quadrante estão mais distantes do núcleo central das representações sociais. Compreende-se, pelos últimos componentes, que “preocupação”, “saúde” e “viver” são significados menos compartilhados entre os grupos e sugerem ligação ao aprisionamento, a um ambiente que provoca ansiedades, à solidão e à morte (HAESSEN; WANGMO; ELGER, 2017).

A análise textual das mulheres (Tabela 3) resultou em quatro subcategorias. A cronológica aponta a compreensão de envelhecimento relacionada à duração do tempo: “vivendo e perdendo porque a gente foi ganhando dias e perdendo força e saúde” (Andorinha). Nesse caso, o envelhecimento é um acúmulo de dias no qual há aspectos positivos e negativos no percurso. Para outra participante, o significado do envelhecimento é sinônimo de longevidade, “significa viver muito mais na vida” (Gaivota). A próxima apresenta caráter

passageiro: “A gente muda né? Cada dia vai passando o tempo de sua vida. Você vai perdendo sua liberdade. A gente sempre fica envelhecendo sem ver, depois a gente vai ver não tem mais mocidade. É rápido demais” (Garça). Essas representações se coadunam com o paradigma ao longo da vida (BALTES, 1987) e é amostra do universo consensual das participantes (MOSCOVICI, 2012).

A maior frequência de trechos retirados das entrevistas diz respeito à subcategoria perdas, pois na compreensão dessas mulheres envelhecimento tem a ver com o biológico, no qual funções do organismo e aparência corporal estão em declínio. Passagens como as seguintes retratam essa ideia: “Ficar feia, gorda, murcha, rugas, cabelo branco, infarento, sem paciência” (Cisne); “Significa a falta de compreensão, ânimo, muitas vezes oportunidade... da gente se prender muito ao companheiro como mulher” (Jaçanã); “Preocupação e insônia, os olhos enrugados e as mãos” (Rendeira); “Ruim, não é bom envelhecimento, porque aparece todo tipo de doença, aparece os cabelos brancos, fica com a pele enrugada...” (Maria-Mirim); “Aparência mais enrugada, mais fraca, perdas de memória, precisa de mais cuidado, depende dos outros” (Neinei). O envelhecimento associado às perdas pode ser encontrado em estudos de Minayo e Ribeiro, (2016) e de Daniel, Antunes e Amaral (2015).

A próxima subcategoria evidencia o vazio familiar, composta por frases que revelam o sofrimento de estarem afastadas de seus afetos e o desejo de gozarem dessa relação. Eis algumas falas: “envelhecer sem ter aproveitado o tempo ao lado da família, é pior ainda. As marcas não ficam só no físico mas também no coração” (Gralha); “passar o dia sem fazer nada e ter preocupação com os filhos” (Sabiá); “os dias passa eu e eu não tô vendo meus filhos crescer, saudade pois o tempo não volta” (Cegonha). A privação de liberdade, na visão dessas mulheres, antecipa o envelhecimento através da perda do sossego, da solidão e das angústias do tempo perdido na ausência familiar. Biauxus (2016) enfatiza a importância da família para um envelhecimento satisfatório, assim como essas mulheres almejam.

A subcategoria aprendizado faz alusão ao processo de conhecer melhor a realidade pelo tempo e influência. Uma das participantes respondeu que envelhecimento “significa acumular experiência de vida e ter mais estruturas físicas e emocionais para lidar com os problemas do dia a dia” (Coruja). Uma outra respondeu: “a pessoa pensa mais direito nas consequências da vida não comete erros, às vezes né?” (Juriti). Esta participante entende que o envelhecimento oferece uma forma sensata e equilibrada de viver, porém, que há exceções. Viver mais é concebido como alcançar virtudes, como se tem nas seguintes falas: “Significa que ao passar dos dias de alguma forma estou adquirindo sabedoria, paciência” (Águia) e “Significa viver muito mais na vida,

se cuidar bem, saber ajudar as pessoas, ter muitos amigos, aprendendo mais e mais na vida e por isso, fica mais feliz” (Gaivotas). Isto posto, os conteúdos possuem uma representação mental de que no envelhecimento também há desenvolvimento humano e aquisição psicossocial que a idade pode proporcionar (KALACHE, 2017; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Os resultados obtidos manifestaram as representações sociais do envelhecimento para homens e mulheres em privação de liberdade no contexto piauiense. É possível afirmar que os segmentos textuais se relacionam com os dados alcançados na análise prototípica, portanto, comprovando o uso complementar das técnicas, que demonstraram aspectos consensuais e particulares dos participantes.

5 Conclusão

Os resultados do estudo desenvolvido sugerem que foi possível identificar as representações sociais do envelhecimento para homens e para mulheres em privação de liberdade. Infere-se, portanto, que as representações sociais sobre o envelhecimento carregam sentido religioso, cronológico e biopsicossocial.

As representações sociais do envelhecimento em privação de liberdade não se diferem do universo consensual da sociedade. Para o grupo feminino, a relação de bem-estar e beleza com o corpo se configurou mais importante, constituindo “tempo” como o núcleo central das representações sociais para envelhecimento. Possivelmente, o dado mais enigmático tenha sido a prevalência masculina como praticante de uma religião através da sua crença em “Deus”, sendo este o núcleo central das representações desse grupo social.

O desenvolvimento deste estudo coloca em relevo os conhecimentos dessa população em privação de liberdade, que mesmo isolada da sociedade possibilita que sua voz seja exteriorizada e propagada, levando seu conhecimento ao mundo acadêmico e social, de maneira que possa oferecer subsídios para futuras intervenções psicossociais que garantam melhores condições em favor da dignidade humana desses atores sociais.

A inquietação com os resultados deste estudo reside no fato de que para esse grupo social em privação de liberdade, o processo de envelhecimento apresenta caráter preocupante, pois acarreta prejuízo ao desenvolvimento humano salutar, que compreende o envelhecimento ao longo da vida. Essas pessoas são duas vezes marginalizadas em razão de sofrerem exclusão social antes de entrarem no sistema prisional e dentro dele; são duas vezes mais vulneráveis, uma vez que experimentaram vulnerabilidades psicossociais anteriores ao

sistema e que se acentuam ainda mais na unidade. Assim, espera-se que este estudo repercuta também em discussões que contemplem lugares de manifestação do processo de exclusão social e de vulnerabilidades psicossociais, a fim de promover algum resultado positivo para aqueles que necessitam.

As limitações deste estudo constituem-se primeiramente pelo próprio caráter exploratório da pesquisa, que obstaculizou interagir com material produzido a respeito do objeto. Também, acrescenta-se a isso, o número reduzido de participantes. Por outro lado, torna-se um estudo pioneiro para futuras investigações no campo. Outra possível limitação do estudo é que tenha sido realizado em apenas uma unidade prisional do estado do Piauí. Sugere-se que para estudos futuros sejam acrescentadas outras unidades e assim, amostras maiores possam oferecer mais suporte material aos dados deste estudo. Uma última recomendação é que sejam incluídos outros participantes no estudo do objeto. Isso argumenta-se devido a agentes penitenciários e outros funcionários demonstrarem interesse pela temática abordada.

Por fim, espera-se que conhecer as representações sociais de pessoas em privação de liberdade seja um abrir de portas para que entrem práticas psicossociais ancoradas em ações que possam contribuir para um envelhecimento com cidadania e qualidade de vida no âmbito prisional.

SOCIAL REPRESENTATIONS OF AGING IN DEPRIVATION OF LIBERTY

abstract

The aging approached in this study occurs throughout life and is not restricted to a stage of human development. Objective: To identify the social representations of aging for men and women in deprivation of liberty. Method: Twenty men participated (mean age 40.3 with SD of 11.3) and 20 women (mean age 32.3 with SD of 8.9). Instruments: Sociodemographic questionnaire, Free Word Association Test (TALP) and Semi-structured Interview. Results: The results showed that the words most evoked by the participants were "God" and "time". Men understand aging through religion and women attributed it chronological value according to the prototypical analysis. As for the results of the textual material, the chronological and losses subcategories stood out linked to the psychosocial aspect. Conclusions: The concern with the results of the study lies in the fact that for this social group, the aging process causes damage to healthy human development,

which includes aging throughout life, because while they are in the penitentiary system they continue to develop precariously in an environment that accumulates physical and psychosocial unhealthiness.

keyword

Aging. Social Representations. Deprivation of Freedom.

referências

ALVES, José Eustáquio *et al.* Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, maio/ago. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702017000200215&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 11 jan. 2020.

ANDRADE, Eliakim Lucena de. "Sem derramamento de sangue": religião e violência na prisão. *Cadernos de Campo*: Revista de Ciências Sociais, Araraquara, n. 19, p. 155-175, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/7689/5533>. Acesso em: 12 jan. 2020.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. Desafios da Gerontologia frente à velhice LGBT: aspectos psicossociais. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022. p. 1331-1335.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; SILVA, Rayfran José Sousa; SANTOS, José Victor de Oliveira. Resiliência e Velhice: um estudo comparativo entre idosos de diferentes níveis socioeconômicos. *Revista Kairós: Gerontologia*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 389-407, mar. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i1p389-407/23091>. Acesso em: 11 dez. 2019.

BAIDAWI, Susan; TROTTER, Chris; O'CONNOR, Daniel W. An integrated exploration of factors associated with psychological distress among older prisoners. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, [London], v. 27, n. 6, p. 815-834, Aug. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14789949.2016.1218533>. Acesso em: 22 abr. 2020.

BALTES, Paul B. Theoretical propositions of life-span development psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, Berlin, v. 23, p. 611-626, Mar. 1987. Disponível em: http://library.mpib-berlin.mpg.de/ftp/PB_Theoretical_1987.pdf. Acesso em: 12 ago. 2019.

BERGAMASCHI, Luiz Henrique. Religião, criminalidade e conversão: práticas de sentido no interior do cárcere. In: CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UEMG/BARBACENA, 1., 2014, Barbacena. *Anais [...]*. Barbacena: UEMG, 2014. p. 4-21. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/analissbarbacena/article/view/792/502>. Acesso em: 22 abr. 2020.

BIAUSUS, Felipe. Reflexões sobre o envelhecimento humano: aspectos psicológicos e relacionamento familiar. *Perspectiva*, Erechim, v. 40, n. 152, p. 55-63, dez. 2016. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/152_594.pdf. Acesso em: 22 jan. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 22 ago. 2019.

BRASIL. *Lei nº 9.982, de 14 de julho de 2000*. Dispõe sobre a Prestação de Assistência Religiosa nas Entidades Hospitalares Públicas e Privadas, bem como nos Estabelecimentos Prisionais Cíveis e Militares. Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9982.htm. Acesso em: 31 jul. 2019.

BRASIL. *Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984*. Institui a Lei de Execução Penal, e legislação correlata. Brasília, DF: Presidência da República, 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em: 6 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública (org.). *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias*. [Brasília, DF]: Departamento Penitenciário Nacional, 2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrjoIMTVjZDQyODUtN2FjM000-ZjFkLTlhZmItNzQ4YzYwNGMxZjQzIiwidCl6ImVMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNDmNmY05M WYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>. Acesso em: 5 maio 2020.

BRASIL. Ministério Público Federal. *Ação civil pública com pedido de liminar nº 1.27.000.000576/2016-43, PA 100.00015448/2015-67*. Teresina: Procuradoria da República, 2018. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pi/sala-de-imprensa/docs/acao-civil-publica-sistema-prisonal>. Acesso em: 25 nov. 2019.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 29 dez. 2019.

CASTRO, Amanda *et al.* Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento. *Psico*, [s. l.], v. 47, n. 4, p. 319, dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.22495>. Acesso em: 24 jan. 2020.

CATALDI, Mariana; GONZALEZ, Noelia. Representaciones sobre la vejez en contextos de encierro: la perspectiva de los internos del penal de Ezeiza. *Revista Argentina de Gerontología y Geriátria*, Buenos Aires, v. 32, n. 2, p. 78-84, 2018. Disponível em: <http://www.sagg.org.ar/wp/wp-content/uploads/2018/08/RAGG-08-2018-78-84.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

CERQUEIRA, Daniel. Trajetórias individuais, criminalidade e o papel da Educação. *Boletim de Análise Político-institucional*, Brasília, DF, n. 9, p. 27-35, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/9/trajetorias-individuais-criminalidade-e-o-papel-da-e>. Acesso em: 29 dez. 2019.

CONSTANTINO, Patrícia; ASSIS, Simone Gonçalves de; PINTO, Liana Wernersbach. O impacto da prisão na saúde mental dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, [Rio de Janeiro], v. 21, n. 7, p. 2089-2100, jul. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015217.01222016>. Acesso em: 29 dez. 2019.

CORDEIRO, Fabíola. Criminalidade, gênero e sexualidade em uma penitenciária para mulheres no Brasil: a study on gender and sexuality in a women's prison. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-15, June 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18379/21764891.2017v1p.1>. Acesso em: 27 dez. 2019.

DANIEL, Fernanda; ANTUNES, Anna; AMARAL, Inês. Representações Sociais da Velhice. *Análise Psicológica*, [Lisboa], v. 33, n. 3, p. 291-301, set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14417/ap.972>. Acesso em: 27 dez. 2019.

DIORIO, Ana Paula Inácio; COSTA, Marco Antônio Ferreira da; SANTANA, Gustavo Clayton Alves. A teoria das Representações Sociais como referencial teórico-metodológico na pesquisa em Ensino de Biociências e Saúde. *Práxis*, [Volta Redonda, RJ], v. 9, n. 17, p. 23-32, jun. 2017. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/viewFile/685/1220>. Acesso em: 27 dez. 2019.

DONATO, Sueli Pereira *et al.* Da análise de similitude ao grupo focal: estratégias para estudos na abordagem estrutural das representações sociais. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, [Rio de Janeiro], v. 14, n. 37, p. 367-394, mar. 2017. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/3786/1999>. Acesso em: 12 jan. 2020.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; ESCUDERO, Fabiana Thiele; FANINI, Lucille; MACEDO, Elaine Pinheiro Neves de. Envelhecimento e Espiritualidade: o papel do Coping Espiritual/Religioso em Idosos Hospitalizados. *Interação em Psicologia*, [Curitiba], v. 23, n. 2, p. 268-280, ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i02.65381>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FECHINE, Basílio Rommel Almeida; TROMPIERI, Nicolino. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *Inter Science Place*, [Campos dos Goytacazes], v. 1, n. 20, p. 106-132, fev. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2007>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FERNANDES, Janaina da Silva Gonçalves; ANDRADE, Márcia Siqueira de. Representações sociais de idosos sobre velhice. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 48-59, ago. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jan. 2020.

FERNANDES, Maria Patrícia Ramos. *O olhar dos reclusos adultos e idosos sobre o envelhecimento em contexto prisional*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/85767>. Acesso em: 19 jun. 2019.

GARRUTE, Mateus Mello; JESUS, Morgana Neves de. Campo jurídico e representações sociais: análise sobre o problema da má fundamentação do dano moral. In: SEMANA CIENTÍFICA DIREITO UFES, 3., 2016, Espírito Santo. *Anais [...]*. Espírito Santo: UFES, 2016. p. 1-5. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/ppgdir-semanajuridica/article/view/12731>. Acesso em: 25 jan. 2020.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia *et al.* A Teoria das Representações Sociais e o ensino de Biologia: uma análise a partir das dez edições dos ENPECs. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ENPEC), 11., 2017, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. v. 11, p. 1-8. Disponível em: <http://www.abrapeconet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R1277-1.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.

HAESSEN, Sophie; WANGMO, Tenzin; ELGER, Bernice S. Identity as an older prisoner: findings from a qualitative study in Switzerland. *European Journal of Ageing*, [Switzerland], v. 15, n. 2, p. 199-210, Oct. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10433-017-0443-2>. Acesso em: 24 jan. 2020.

HANDTKE, Violet *et al.* Easily forgotten: elderly female prisoners. *Journal of Aging Studies*, [s. l.], v. 32, p. 1-11, Jan. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaging.2014.10.003>. Acesso em: 24 jan. 2020.

KALACHE, Alexandre. Prefácio. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 43-44.

MACHADO, Ana Elise Bernal; SOUZA, Ana Paula dos Reis; SOUZA, Mariani Cristina. Sistema penitenciário brasileiro: origem, atualidade e exemplos funcionais. *Revista do Curso de Direito da Universidade Metodista de São Paulo*, [São Bernardo do Campo], v. 10, n. 10, p. 201-212, dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1094/rcd.v10n10p201-212>. Acesso em: 24 jan. 2020.

MACIEL, Silvana Carneiro; MELO, Juliana Rízia Félix de. O uso da entrevista e da análise de conteúdo em pesquisas qualitativas. In: COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque (org.). *Métodos de Pesquisa em Psicologia Social: perspectivas qualitativas e quantitativas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. p. 175-204.

MENDES, Felismina. Sabedoria e envelhecimento: a arte de sobreviver em diferentes mundos. In: SILVA, Antonia Oliveira; CAMARGO, Brígido Vizeu (org.). *Representações sociais do envelhecimento e da saúde*. Natal: EDUFRN, 2017. p. 84-99. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24702/1/representacoessoiais.28.12.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MIGUEL, Isabel Cerca. Envelhecimento e desenvolvimento psicológico: entre mitos e factos. In: LUZ, Helena Reis Amaro da; MIGUEL, Isabel Cerca (org.). *Gerontologia Social: perspectivas de análise e intervenção*. Coimbra: Instituto Superior Bissaya Barreto, 2014. p. 53-67. Disponível em: http://www.fbb.pt/isbb/wp-content/uploads/sites/8/2014/03/Publica%C3%A7%C3%A3o-GS-COMPLETA_Maio-2014-3.pdf. Acesso em: 22 ago. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; RIBEIRO, Adalgisa Peixoto. Condições de saúde dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, [Rio de Janeiro], v. 21, n. 7, p. 2031-2040, jul. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015217.08552016>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, [Rio de Janeiro], v. 19, n. 3, p. 507-519, june. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MORAES, Marianny Medeiros de *et al.* Envelhecimento feminino no cárcere: entraves para qualidade de vida. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 5., 2017, Maceió. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize, 2017. p. 1-5. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV075_MD4_SA1_ID2299_23102017224419.pdf. Acesso em: 19 set. 2019.

MORERA, Jaime Alonso Caravaca *et al.* Aspectos Teóricos e Metodológicos das Representações Sociais. *Texto & Contexto: Enfermagem*, Florianópolis, v. 24, n. 4, p. 1157-1165, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-0707201500003440014>. Acesso em: 19 set. 2019.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MUNIZ, Cátia Regina; LEUGI, Guilherme Bergo; ALVES, Angela Maria. Mulheres no sistema prisional: por que e como compreender suas histórias? *Revista de Pesquisa em Políticas Públicas (RP3)*, [Brasília, DF], v. 11, n. 2, p. 1-22, jan. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18829/rp3.v11i2.26945>. Acesso em: 22 nov. 2019.

NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, Leandro; FUENTES, Daniel; COSENZA, Ramon M. *Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional*. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 17-42.

NERI, Anita Liberalesso. *Palavras-chave em Gerontologia*. 4. ed. Campinas: Alínea, 2014.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Envelhecimento populacional e políticas públicas: desafios para o Brasil no século XXI. *Espaço e Economia*, [Rio de Janeiro], ano 4, n. 8, p. 1-20, set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/espacoeconomia.2140>. Acesso em: 22 nov. 2019.

OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. *Saúde em Debate*, [Rio de Janeiro], v. 43, p. 939-948, jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912222>. Acesso em: 22 nov. 2019.

OLIVEIRA, Lais de Souza. *A cultura do encarceramento massivo: o retrato da seletividade penal no Brasil*. 2021. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/3301>. Acesso em: 15 jul. 2022.

OLIVEIRA, Lannuzya Veríssimo de; COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti; MEDEIROS, Kaio Keomma Aires Silva. Envelhecimento: significado para idosos encarcerados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, [Rio de Janeiro], v. 16, n. 1, p. 139-148, mar. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1809-98232013000100014>. Acesso em: 22 nov. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6. Acesso em: 22 nov. 2019.

PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 103-125.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi [et al.]. Revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva et al. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PIANI, Luan. Sequelas do cárcere: discursos e trajetórias além das grades. *Alabastro*, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 32-48, dez. 2019. Disponível em: <http://revistaalabastro.fesp.br.org.br/index.php/alabastro/issue/view/13>. Acesso em: 22 out. 2020.

RATINAUD, Pierre. *IRAMUTEQ: interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*. [S. l.]: [s. n.], 2009. Disponível em: <http://www.iramuteq.org>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTORO, Antonio Eduardo Ramires; PEREIRA, Ana Carolina Antunes. Gênero e prisão: o encarceramento de mulheres no sistema penitenciário brasileiro pelo crime de tráfico de drogas. *Meritum*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 87-112, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/meritum/article/view/5816/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SANTOS, Cristina Sofia Lima dos; NOGUEIRA, Adriano Zilhão de Queirós. Envelhecer em contexto prisional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, [Rio de Janeiro], v. 18, n. 1, p. 39-48, mar. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14040>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SANTOS, Thandara. *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Infopen*. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2017. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenci>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SANTOS, Thandara. *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Infopen mulheres*. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2018. Disponível em: http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopen-mulheres_arte_07-03-18.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

SILVA, Cristiana Barcelos da; CARMO, Gerson Tavares do; SILVA, Alessandra Maria da Silva Custódio da. Breves orientações sobre a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e a interdisciplinaridade. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, [Londrina], v. 6, n. 2, p. 59-70, dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/22366407.2015v6n2p59>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SILVA, Jorge Luiz da; BAZON, Marina Rezende. Revisão sistemática de estudos sobre os aspectos escolares relacionados ao cometimento de delitos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 273-292, ago. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n2/v21n2a05.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019.

SOARES, Manuella de Oliveira; CARLOS, Fabíola Módena. O cumprimento da pena por idosos em tempos de pandemia: um debate à luz da tutela dos Direitos Humanos. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia*, [Uberlândia], v. 49, n. 2, p. 78-105, maio 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/RFADIRv49n2a2021-62322>. Acesso em: 22 jul. 2022.

TAVARES, Alex Penazzo; ADORNO, Emillyane Cristine Silva; VECHI, Fernando. Rein-
cidência criminal: uma análise sobre suas espécies e efeitos na contemporanei-
dade. *Revista de Direito [da Universidade Federal de Viçosa]*, [Viçosa], v. 12, n. 2,
p. 1-19, out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/10751>.
Acesso em: 22 out. 2020.

THOMAZ, Geisa Copello; OLIVEIRA, Jeane Freitas de; BISPO, Tânia Christiane Ferreira.
Vulnerabilidades no envolvimento feminino com drogas: um estudo com mulheres
em situação de prisão. *Revista Enfermagem Contemporânea*, [Salvador], v. 5, n. 2,
p. 328-341, nov. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.v5i2.1042>.
Acesso em: 22 out. 2020.

TORRES, Tatiana de Lucena *et al.* Representações sociais e crenças normativas sobre
envelhecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, [Rio de Janeiro], v. 20, n. 12, p. 3621-3630,
dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152012.01042015>.
Acesso em: 13 set. 2019.

VERA-NORIEGA, José Ángel; PIMENTEL, Carlos Eduardo; ALBUQUERQUE, Francisco
José Batista de. Redes Semânticas: aspectos teóricos, técnicos, metodológicos y
analíticos. *Ra Ximhai*, El Fuerte, México, v. 1, n. 3, p. 439-451, set./dez. 2005. Dispo-
nível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=46110301>. Acesso em: 13 set. 2019.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de construção e relato da análise
prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [Brasília, DF],
v. 27, n. 4, p. 521-526, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722011000400017>. Acesso em: 13 set. 2019.

Data de submissão: 02/06/2020
Aceito em: 25/08/2022